

## A Língua Geral como código secreto de comunicação entre jesuítas\*

### *Lingua Geral as a secret code of communication between Jesuits*

Ruth MONSERRAT (UFRJ)

Cândida BARROS (Museu Goeldi)

#### RESUMO

*O objetivo do trabalho é traduzir para o português e contextualizar historicamente um manuscrito na língua geral da Amazônia, que integra o fundo documental de papéis apreendidos do jesuíta alemão Anselm Eckart quando entrou na prisão de Almeida, em Portugal em 1759. O documento foi identificado como uma carta, porém não faz referência a lugares conhecidos nem revela o nome do destinatário ou do remetente. Os nomes de lugares foram citados de forma cifrada. A carta foi escrita em língua geral como código secreto entre jesuítas vindos da Amazônia quando presos no colégio de Braga. Seu conteúdo são acontecimentos imediatos ao dia 3 de novembro de 1759, como a retirada dos jesuítas do colégio de Braga e as dúvidas e temores sobre o destino dos membros da Companhia de Jesus.*

**Palavras chave:** *Língua Geral; Jesuítas; carta; Pombal.*

\* Para o desenvolvimento da pesquisa, a primeira autora teve apoio do Programa de Capacitação Institucional do MCT/Museu Goeldi. A segunda autora teve o apoio de uma bolsa da CAPES/DAAD no Instituto Ibero Americano em Berlim, sob a orientação da Dra. Barbara Göbel. Agradecemos ao Padre Ilário Govoni pela tradução da carta em latim, e ao Prof. Johannes Meier, da Universidade de Mainz, que nos possibilitou o acesso ao conjunto completo das fontes de Eckart na Torre do Tombo.

## ABSTRACT

*The aim of this article is to provide a translation into Portuguese and the historical context of a manuscript written in Língua Geral of the Amazon, and one of the collection of documents confiscated from the German Jesuit, Anselm Eckart, when he was incarcerated at Almeida in Portugal in 1759. The document was identified as a letter, although it makes no reference to known places, neither does it reveal the name of the sender nor of the receiver. Placenames are referred to in coded form. The letter was written in Língua Geral, which was used as a secret code by the Jesuits from the Amazon, during their imprisonment in the college at Braga. It describes events immediately after November 3rd, 1759, such as the removal of the Jesuits from the college at Braga and their doubts and fears about the future of the members of the Order of Jesus.*

**Key-words:** *Língua Geral; Jesuits; letter; Pombal.*

## 1. Introdução

Entre os documentos apreendidos do jesuíta alemão Anselm Eckart quando entrou na prisão de Almeida, em novembro de 1759, há um texto escrito na língua geral. O funcionário responsável por fazer o registro das apreensões em uma lista descreveu o documento como um “quarto de papel com hua memoria em lingoa parece Tapuya” (Torre do Tombo m.59 n.4)

A referência ao idioma do texto como “parece” língua tapuia mostra a incerteza do funcionário em Portugal quanto a sua identificação. A classificação do documento como “memória” atesta seu desconhecimento em relação ao conteúdo. “Memórias”, no dicionário português-latim de Rafael Bluteau (1712), é “livrinho em que deixamos apontado o de que nos queremos lembrar”. O documento revelou ter estrutura de carta, com cabeçalho e despedida, e as figuras do remetente e destinatário marcadas pelos pronomes *jande* ‘nós inclusivo’ e *nde* ‘tu’.

A carta não traz referência a lugares conhecidos nem revela o nome do destinatário ou do remetente. Os locais são mencionados de forma cifrada. Essas características reforçam que a língua geral foi usada como código secreto entre jesuítas vindos da Amazônia e presos no colégio de Braga por ordem do Marquês de Pombal.

O objetivo deste trabalho é apresentar a tradução para o português do documento a partir de sua contextualização histórica e pragmática, apoiada no cotejo com outros documentos, como as memórias de Eckart impressas em 1779 (*Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal* 1987) e uma carta anônima, escrita em latim no dia 1º de Novembro, sem referência ao ano ou indicação do destinatário. Esta correspondência também faz parte do fundo de Eckart na Torre do Tombo (m.59 n.4).

A tradução contextualizada historicamente aponta que o documento foi escrito na conjuntura da expulsão da Ordem de Portugal pelo Marquês de Pombal. A tradução contextualizada pragmaticamente examinará os elementos dêiticos, por remeterem para a situação imediata. Nesse caso, a atenção se voltará para o uso no documento da primeira pessoa plural inclusivo (*jande*) e a segunda pessoa singular (*nde*), os marcadores de tempo (*amo coicé*, ‘anteontem’) e de local (*ike*, ‘aqui’).

O texto foi dividido e numerado de acordo com a pontuação (ponto, dois pontos e algumas vírgulas). Os números entre colchetes remetem para essas divisões. Para cada enunciado, foram organizadas quatro linhas (ver anexo): *a*) a transcrição semi-diplomática do original, com extensão das abreviaturas e interpretação das rasuras; *b*) a tradução para o português contextualizada histórica e pragmaticamente, *c* e *d*) a interlinearização do enunciado, com o significado literal dos elementos gramaticais e lexicais segmentados. Seguem-se notas com comentários que explicam as interpretações históricas e pragmáticas propostas na linha *b*.

A tradução contextualizada histórica e pragmaticamente (a segunda linha) interpretará as informações que o remetente estaria procurando, de forma cifrada, passar para o destinatário. Por exemplo, em [6], a expressão *Frale Marco çapatuyma*, cuja interlinearização (linha *d*) seria ‘frei marco sem sapatos’, era a forma cifrada de mencionar os carmelitas descalços. Essa análise foi possível pelo cotejo com a *Memoria* de Eckart (1987). Alguns trechos do documento - de 16 a 18, de 26 a 28 e de 31 a 32 - não puderam ser esclarecidos pela tradução contextualizada historicamente.

## 2. O fundo documental de Anselm Eckart na Torre de Tombo

O jesuíta alemão Anselm Eckart (1721-1809) foi missionário entre 1753 e 1757 no Estado do Grão Pará e Maranhão, tendo passando pelas missões Pirauri (rio Xingú), Abacaxi (rio Madeira) e Caeté (rio do mesmo nome). Ao ser expulso pela administração pombalina, ele foi enviado para Portugal, onde ficou mantido no colégio de Sanfins desde 1758 até março do ano seguinte, quando foi mandado para o colégio de Braga. A partir daí, conta, já não podia se comunicar com os demais jesuítas (Eckart 1987:71).

Quando entrou na prisão de Almeida em 11 de novembro de 1759, Eckart levava consigo livros, anotações e cartas. Todo o material foi apreendido e registrado em uma lista pelo funcionário pombalino (*Papéis do P. Ancelmo Echard*, Torre do Tombo 54, n.4). Entre eles se encontrava o documento em língua geral traduzido em anexo.

Outro documento apreendido naquele momento foi uma carta em latim, que continha duas pequenas frases na língua geral: *Nde retama erecó arama* (‘Tu estarás na tua pátria’ e *Emonýc [emondýc]coaé ta-tape* (‘Joga isso no fogo’). A primeira será analisada mais adiante. Na segunda, o autor aconselha o destinatário a destruir a carta, jogando-a no fogo - o que não foi feito. Era para ser um documento efêmero, mas ao ser apreendido pela administração pombalina como espólio da Companhia de Jesus, foi preservado nos arquivos da Torre do Tombo. A carta escrita em língua geral - objeto deste trabalho - será cotejada com esta segunda carta em latim, para auxiliar em sua tradução contextualizada histórica e pragmaticamente.

## 3. Marcas de mudanças estruturais comuns às línguas gerais presentes no documento

No artigo “As línguas gerais sul-americanas” (1996), Aryon D. Rodrigues diz que “alguns fenômenos de mudança estrutural são comuns às três línguas gerais”. Para o caso do Brasil, o autor coteja dados do tupinambá com dados de uma variedade da Língua Geral amazônica falada atualmente no alto Rio Negro. A variedade registrada no documento aqui analisado, usada em meados do século XVIII no

Pará, nas missões jesuíticas, mostra que já estavam em curso à época tais mudanças estruturais. Apresentamos abaixo algumas delas, através de exemplos presentes na carta:

- “substituição da adjetivação por composição por uma adjetivação por justaposição”. [6] *Tuibaé leigo iké goára mbaeacý reté...* (um velho **leigo** daqui muito **doente**); [10] *Ipó amò mondepe puxi purú* (talvez em uma infecta prisão emprestada).
- “desenvolvimento de partículas pluralizadoras dos nomes”. É muito produtivo o emprego de **etá** como marcador de plural: [2] *jande muetá ocyc* (nossos companheiro-plural chegaram); [11] *coipó marco çapatuíma rocaetá rupi* (talvez marco sem sapatos casa-plural por = talvez pelas casas dos carmelitas descalços.).
- “substituição dos predicados possessivos por predicados verbais transitivos com um verbo ‘ter’ derivado da forma causativa comitativa do verbo ‘estar (em movimento)’”. Trata-se de **rekó** (derivado de **ekó**): [18] *...ixé arecó amó cabarú cotyçába...* (eu tenho um cavalo de confiança); [32] *Paigoaçu oguerecó morapupé cetá çauçupára* (O arcebispo tem em Roma muitos seguidores).
- “transformação do sufixo nominalizador de predicados” (**-baé**) em marcador de “orações relativas”: [7] *nitiu ocyc soraraetá cabarupora oçóbaé jande mú irumo...* (não chegaram os soldados cavaleiros que foram com nossos companheiros); [8] *mas ocyc uan taby etá aé ogueraçóbaé* (mas chegaram já nas aldeias os que eles levaram)
- “adoção de empréstimos lexicais e decalques fraseológicos do português”: [17] *tenhé ereicó apyaíba breviarío cayxa recé...* (não te preocupes [literalmente ‘estar mal do fígado ou coração’] com a caixa do breviário); [23] *anhemimotár reté acém coaé jurupari pó çuí* (desejo muito livrar-me desse diabo [liter. ‘sair este diabo mão de’])
- “adoção de diversas conjunções do português”: [3] *mas nitíu oiké senaõ mocõĩ pytuna ararangaba rupi*. (mas não entraram senão de noite, por duas horas); [30] *e jurupari eucliaõ [?] ocekyje ixui aepe* (e o diabo eucliaõ tem medo dele lá)

- “desenvolvimento de um marcador de orações finais a partir da forma ‘futura’ de um nominalizador”: [31] *iande-nhã rama mã goara çui* (para nos correr dos daqui), [32] *nituu ia-mocameeng rama mira etá pabe çupé* (para não guiarmos as gentes)

#### 4. Marcas textuais de uma carta

A estruturação dos enunciados e sua distribuição gráfica no papel identificam o documento como carta e não como “memória”, como o funcionário da prisão de Almeida havia definido na lista dos papéis apreendidos. A carta, ao contrário da memória, possuía necessariamente autor e destinatário, enquanto a “memória” era constituída por registros pessoais que auxiliassem seu autor a recordá-los, sem ter necessariamente um destinatário, marcado por pronome de segunda pessoa.

O documento tem cabeçalho [1], despedida [24] e post-scriptum [25-32]. O cabeçalho [1] inclui saudação respeitosa ao destinatário através da construção híbrida *etepyra* (estranha à língua tupi). Ela foi utilizada pelo autor para expressar a forma habitual de respeito no endereçamento de uma carta, acrescida de *rete rete* (muito muito) - frequentativo, recurso gramatical com sentido de intensificador.

[1] *Jane etepyra rete rete*  
Jande ete-pyra rete rete  
Nosso prezadíssimo

O cabeçalho na língua geral reconstrói o mesmo tratamento cerimonial presente na carta em latim: “Dilectissima ex tot cord ex tot mente et ex tot anima mea”: ‘Meu mui amado de todo coração, de toda mente e toda minha alma’ (As traduções do latim foram feitas pelo Pe. Ilário Govoni).

A fórmula de despedida estabelece uma relação de humildade cerimonial em relação ao destinatário pelo uso do termo *miauçuba* (‘escravo’; ‘aquele que é amado’) na língua geral: [24] *Nde remiauçuba rete* (‘teu muito[verdadeiro]escravo). Seu emprego equivaleria ao termo em português “servo”, frequente nas fórmulas de despedida das correspondências jesuíticas da época, como naquela escrita pelo

padre Francisco Wolff para o Procurador Bento da Fonseca em 1750: “Infimo Sudito e Servo Francisco Wolff” (Wolff 1750:63v).

É próprio de carta ter destinatário referido no cabeçalho, remetente com assinatura na despedida, local e data assinalados. A carta em questão não contém nenhuma dessas informações. Há apenas dêiticos para ‘aqui’, ‘ontem’ e ‘anteontem’, que carregam informações temporais e espaciais imediatas ao seu autor.

## 5. Uma carta cifrada entre jesuítas

A expressão *jande mueta* (*jande+mu+ eta/* pronome de primeira pessoa do plural inclusivo + família/ parentela+ plural) utilizada na carta indica que autor e destinatário faziam parte de uma mesma “família” (*mu*), interpretada na tradução contextualizada historicamente como sendo a Companhia de Jesus. “*mu*” [2] era glosado nos dicionários setecentistas como parente consanguíneo (“casta, progenies, parentela, conseqüinarum turba. *Mú* vel *Anáma*”(Anônimo [175-]:45). O emprego desse termo indica que se tratava de correspondência entre jesuítas e não de um missionário para um índio, como se poderia supor pelo uso da língua geral. O termo de parentesco que o missionário habitualmente usava para se dirigir aos índios nos textos catequéticos era “filho”, em sua forma vocativa ‘meu filho’ (*xe räyt*), como no exemplo abaixo, retirado da *Breve Instrucçam para o Bautismo de hum Índio pagaõ em caso de necessidade* de Bettendorff (1687):

*Xe räyt có nde ramyia recopoéra rupí nde recó nicatüi.*

‘Meu filho não he bem que sigais os vossos avos’ (Bettendorff 1687:107)

A primeira pessoa do plural inclusivo (*jande*) para se dirigir aos colegas da Ordem está presente em vários trechos [7,9,26, 27,29,31,32]. Em alguns deles há menção a situações de enfrentamento de ‘nós’ versus ‘os outros’: a prisão eminente de ‘nós’ [27] *iande potá mondépe recé* ‘nos queremos na prisão’, a animosidade da autoridade eclesiástica contra ‘nós’ [29] *Paigoaçú nitibi opotá iandé recé* ‘o arcebispo não nos quer’

O caráter de comunicação clandestina fez com que a carta não contivesse nenhuma referência geográfica conhecida. Os lugares mencionados estão em forma cifrada:

<i>Caletupor</i> [2]	Cais do Porto (cale=estiva em francês)
<i>Çaganbra</i> [5]	Bragança
<i>Bagar</i> [5]	Braga
<i>Mora</i> [28]	Roma
<i>Lotesca</i> [4]	Castelo
<i>Lecogio</i> [4]	Colegio

Nos casos acima, o jogo da linguagem cifrada consistiu em modificar a ordem das letras das palavras em português relacionadas a lugares. Não foi possível identificar apenas a referência a *Vti* [25a], aparentemente abreviatura de alguma localidade.

Nomes de pessoas também foram apresentados de forma cifrada: *mandu* [15] era a praxe indígena de nomear Manuel; *Santos* [16] foi usado em lugar de Campos; *Laedcra* [32] era a forma cifrada para Cardeal; mas *euclião* [29] não foi identificado.

Há duas autoridades eclesiásticas citadas na carta: *Paigoaçu* [15, 28, 32] e *Laedcra* (Cardeal) [34]. *Paigoaçu* era o termo para abade ou prelado em dicionários setecentistas na língua geral. Mas no contexto da carta, *Paigoaçu* seria D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga, que ali havia chegado para assumir o cargo no dia 28 de Outubro de 1759 (Eckart 1987:87), portanto alguns dias antes da carta ter sido escrita. O Arcebispo era irmão do rei (Eckart 1987:85).

*Laedcra* seria o Cardeal Patriarca Francisco de Saldanha Gama, “visitador e reformador geral da Companhia de Jesus” desde abril de 1758, por breve papal. Naquele momento era a autoridade oficial responsável pelos assuntos referentes à Ordem.

## 6. Duas cartas de um mesmo autor

As cartas em latim e em língua geral do fundo documental de Anselm Eckart apresentam conteúdos comuns que indicam terem sido escritas por uma mesma pessoa:

a) Ambas fazem menção a uma caixa de breviário. Na carta em latim, em uma passagem em português no post-scriptum, o remetente pede a caixa do breviário. O destinatário havia dado esse breviário ao “rapaz João”, e o autor o teria comprado deste último, porém sem a caixa. Na correspondência em língua geral, o autor diz ao destinatário que não tem mais interesse na dita caixa, sinalizando que havia desistido do objeto. O tema das caixas parece indicar que a carta em latim foi anterior àquela em língua geral.

Carta em latim	Carta em língua geral
Se tem a caixa de Breviário, que deu ao rapaz João, e não lhes é necessário, eu careço della, porque comprei o breviário ao rapaz.	[19] <i>Tenhe ereicó apyaiba breviário cayxa recê raẽ</i> [20] <i>amó mbäé có ara çui goara recê.</i> [19] Não te preocupes com a caixa do breviário, [20] com uma coisa que é dos dias de hoje [moderna].

b) ambas fazem menção a um jesuíta idoso e enfermo – identificado aqui como Manuel Monteiro (citado em Mauricio 1973: 85) - que foi mandado para o convento dos carmelitas descalços de Santa Teresa (Mauricio 1973:86). A carta em latim diz que o doente sairia na noite daquele dia. A outra, em língua geral, informa que ele saiu ‘anteontem’ [6]. Portanto, a carta em latim teria precedido a escrita em língua geral provavelmente por dois dias, caso se tenha mantido a data prevista de saída do idoso.

Carta em latim	Carta em língua geral
Permanece aqui somente, um certo irmão coadjutor de 88 anos, que está de cama paraplético há quatro anos e que chora continuamente com lágrimas inconsoláveis a ausência de seus irmãos. Ouvi <b>hoje</b> que será enviado esta noite ao convento acima citado [carmelitas descalços]	[6] <i>Tubaé golei iké goára mbaecý[mbaecý] reté oçou amó coicé pytuname</i> <i>Frاله marco çapatuyma rôcape apyaba juba pupé.</i> [6] Um velho leigo morador daqui muito doente foi <b>anteontem</b> de noite à casa de frei Marcos sem sapato [carmelitas descalços] com o homem louro.

c) Ambas fazem referência a um mestre de crianças:

A carta em latim relata que o Irmão Jerônimo de Campos, “mestre das crianças”, tinha abandonado a Ordem e se aliado ao Primeiro Ministro Sebastião Carvalho de Melo. O texto em língua geral faz referência a ‘pp<sup>a</sup> Stos que tem as crianças na mão’ [16]. O sobreno-

me Campos foi substituído por “Santos” ([16] *Ocyc xe pyri nde pp<sup>a</sup>. Santos coromim pô rupi*. ‘Veio a mim teu principal Santos, que cuida dos meninos’).

d) Ambas fazem referência à data de primeiro de novembro (dia de Todos os Santos)

A que está em latim foi escrita no dia 1º de Novembro (“Não quiseram nos permitir hoje, na festa de Todos os Santos, que celebrássemos a Missa junto aos soldados”). A em língua geral teria então sido redigida no dia 03 de novembro, pois menciona como ‘anteontem’ (*amó coicê*) os eventos que ocorreram no dia 1º de Novembro na carta em latim (a saída do irmão leigo) [6]. O post-scriptum foi escrito na noite de 03 de novembro (3 *pytuname* [25]).

e) Os remetentes das duas missivas têm em comum o fato de estarem presos (“atirou-me no cárcere o mui piedoso senhor”) tanto na carta em latim como nos trechos [23,25] do manuscrito em língua geral, o que leva a situar os documentos no ano de 1759. Em setembro daquele ano, a Companhia de Jesus tinha sido expulsada de Portugal e de suas colônias e os membros da Ordem tinham sido retirados dos colégios. Em novembro, no momento em que as duas cartas foram escritas, parte dos jesuítas estava sendo enviada para o exílio em Roma, e outra parte, para prisões portuguesas.

O autor das duas cartas teria sido então um dos quatro jesuítas vindos da Amazônia que estavam no colégio de Braga nos primeiros dias de Novembro de 1759: Anselm Eckart, Manoel dos Santos (1710-1781), Antônio Moreira (1710-1761), Manoel Afonso (Maurício 1973:19). Como este último foi referido como terceira pessoa na carta em latim, fica excluída a possibilidade dele ter sido o autor ou destinatário das correspondências.

Uma pequena passagem em língua geral inserida na carta em latim aponta Anselm Eckart como destinatário das duas cartas: “*nde retama ereco arama*” (‘tu estarás na tua pátria’). A sentença faz parte de um trecho no qual o remetente menciona o desejo de que o destinatário possa usar em sua pátria um par de sapatos enviado de presente:

“Por este bom e fiel ancião a quem pedi te providenciar alimentos e o que precisar em lugar do moço que se foi, te mando os sapatos, que

tinha preparado para ti, e peço a Deus, que logo te possam ser úteis *nde retama ereco arama*” (passagem em português e em língua geral na carta em latim. Fundo Eckart Torre do Tombo m.59 n.4)

A escolha do pronome ‘tu’ (*nde*) e não ‘nós’ (*jande*) com referência à nação indica que autor e destinatário não pertenciam à mesma pátria (*retama*), apesar de fazerem parte da mesma família (*jande mu*) [carta em língua geral]. Entre os quatro jesuítas vindos da Amazônia e presos em Braga no início de Novembro de 1759 apenas Eckart estava fora de sua pátria.

Restam, assim, dois nomes como possíveis autores das duas cartas: Manoel dos Santos e Antônio Moreira. Ambos tinham estado por cerca de 20 anos na Amazônia e, portanto, teriam conhecimento da língua geral. Mas Manuel Santos estava incomunicável (Maurício (1973:85) - assim como Eckart -, logo não poderia ter informações sobre a movimentação dos jesuítas nem manter diálogos com um funcionário do governo (senador em latim */sagrau* [?] recobiara ‘responsável’) [27].

Antônio Moreira, ao que tudo indica, foi o autor das duas cartas. Sabe-se que no dia 04 de novembro de 1759 - portanto um dia depois da carta em língua geral - escreveu para o Cardeal Francisco de Saldanha Gama (responsável pela Ordem em Portugal a partir de setembro daquele ano), pedindo para ser demitido da Ordem: “Assim desejo e pertendo largar a roupeta e vestirme de habito clerical querendo V.Ex<sup>a</sup> dignar-se de fazerme esta obra de charidade” (Carta de Moreira ao Cardeal Patriarca, 1759, fol. 1r). Essa carta coincide com o tom pessimista do post-scriptum na noite de 03 de Novembro quando o remetente se dá conta de que eles seriam enviados para a prisão [26-27] e não para conventos de outras ordens religiosas.

## 7. A título de conclusão

O documento “*Memória em lingoa parece Tapuya*” é uma carta escrita no dia 03 de novembro de 1759 muito provavelmente pelo jesuíta português Antônio Moreira, então no colégio de Braga, para o padre Anselm Eckart, que naquele momento estava incomunicável no mesmo local. Por meio das duas cartas (em latim e na língua geral),

Eckart era informado sobre o que estava acontecendo com a Ordem em Portugal entre os dias 30 de outubro e 03 de novembro de 1759, antes da saída dos últimos jesuítas mantidos no colégio de Braga para a prisão de Almeida (Eckart 1987:87).

A mudança de língua na redação das duas cartas - no dia 1º de novembro em latim, com inserção pontual em língua geral, e no dia 03 de novembro em língua geral, com inserção de português cifrado, revela a percepção do autor sobre o agravamento da situação dos jesuítas naquela conjuntura e a necessidade de escrever sem ser compreendido pela administração pombalina. Que tenham logrado isso prova-o o fato de que, quando do confisco do documento, este tenha sido classificado como “memória” e não como carta trocada entre jesuítas presos no colégio de Braga.

O caráter de comunicação clandestina entre os dois jesuítas está expresso na opção pela escrita em língua geral e em português cifrado. Não há nenhuma referência a lugares conhecidos e não é explicitado o nome nem do destinatário nem do remetente. A língua geral foi usada nesse contexto como idioma comum a um ‘nós’ (os padres expulsos da Amazônia) e inacessível aos funcionários do governo em Portugal, que os vigiavam no colégio de Braga. A criação de códigos secretos entre os jesuítas para sua intercomunicação continuou durante o período em que estiveram presos, por meio da troca de números por letras ou de batidas nas paredes para a comunicação através das diferentes celas (Kaulen apud Meier e Aymoré 2005).

Recebido em julho de 2014

Aprovado em agosto de 2014

E-mails: ruth.monserrat@gmail.com

mcandida.barros@gmail.com

## Referências bibliográficas

ANÔNIMO. [175-]. *Vocabulário na Língua Brasil*. Biblioteca Nacional de Lisboa.

ANÔNIMO. [1759]. “*Quarto de papel com um memória em lingoa parece Tapuya*”. Fundo documental “Papéis do P. Anselmo Eschard”. 1759. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, m. 54, n.4.

- ANÔNIMO. 1750. *Gramatica da Língua Geral do Brazil. Com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita língua*. Pará. Ms. 69. Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- ANÔNIMO [1º de Novembro de 1759] *Carta em latim*, Fundo de Anselm Eckart na Torre do Tombo m.59, n. 4.
- AYROSA, Plínio (ed.). 1938. *Vocabulário na língua brasilica. Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plinio Ayrosa*. São Paulo: Departamento de Cultura.
- BETTENDORFF, João Felipe. 1687. *Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasilica*. Lisboa: Officina Miguel Deslandes.
- BLUTEAU, Rafael. 1712-1728. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. 8 v. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acessado em: 27/06/2014.
- ECKART, Anselm, S.J. 1987 [1ª edição 1779]. *Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal*. São Paulo: Edições Loyola/ Braga: Livraria A.I.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. 1979. *Abreviaturas manuscritas dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Cultura. Divisão de Arquivo do Estado.
- MAURÍCIO, Domingos. 1973. Bloqueio e desterro dos jesuítas de Braga. *Brotéria*, vol. 97, n. 7: 71-87.
- MEIER, Johannes & Aymoré Fernando Amado. 2005. *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch-und Spanisch-America. Ein bibliographisches Handbuch. Band 1: Brasilien (1618-1760)*. Münster: Aschendorff Verlag.
- MOREIRA, Antônio. *Carta de Antônio Moreira ao Cardeal Patriarca Saldanha, de Braga 4 de novembro de 1759*. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- RODRIGUES, Aryon D. 1996. As línguas gerais sul-americanas. *Papia*, 4 (2): 6-18. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-1996/rodriques\\_1996\\_linguas\\_gerais.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-1996/rodriques_1996_linguas_gerais.pdf). Acessado em: 20/06/2014.
- WOLFF, Francisco. 1750. *Carta do jesuíta Francisco Wolff ao Procurador Bento da Fonseca, de Mortigura, 1º de Setembro de 1750*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa. 4529, Doc 36.

## ANEXO

“*Outro quarto de papel com hua memoria em lingoa parece Tapuya*”

**[1] *Jane etepyra rete rete X***

[1] Nosso prezadíssimo X

[1] *Jande ete-pýra reté reté X*

[1] Nós muito-participio muito [frequentativo] X

**Nota:**

O cabeçalho contém um endereçamento cerimonial anônimo (“X”) construído na língua geral com base no uso de um neologismo linguisticamente anômalo: *eté-pýra*, que literalmente, seria ‘verdadeiro-participio’ e do recurso ao frequentativo do ‘intensificador *reté*’.

**[2] *Jande muetà ocyc uan Caletuporpe Santo opacatû ara pupé: [3] mas nitiu oikè senãõ mocõĩ pytuna ararangaba rupi, male agentis recó rupi.***

[2] Nossos companheiros já tinham chegado ao cais [da cidade] do Porto no dia de Todos os Santos: [3] mas não ficaram senão por duas horas, de noite, com gente de maus costumes.

[2] *Jande mu-etá o-cýc uán Caletupór-pe Santo opacatú ára pupé: [3] mas nitiu o-iké senãõ mocõĩ pytuna ara.rangaba rupi, male gentis recó rupi.*

[2] Nós parente-plural 3-chegar já cale.tupor [Ling cifr.=estiva do porto]-loc santo todos dia em: [3] mas [port.] não 3-entrar senão [port.] dois noite relógio por, má gente [latim] costume com.

**Nota:**

O remetente informa sobre a movimentação dos jesuítas em Braga no início de novembro de 1759. Um grupo foi retirado do Colégio e enviado para o Porto. A expressão *Caletupor* é linguagem cifrada construída de *cale*, estiva em francês, e *tupor* Porto (inversão das sílabas). O dia de Todos os Santos (*Santo opacatú ára*) [2] é o dia 1º de Novembro.

O trecho [2-3] tem empréstimos do português e do latim. Os do português são conjunções (“mas”, “senão”). O uso da conjunção “mas” [3] (ver também em [8]), já era corrente na língua geral do século XVIII, como mostra um dicionário anônimo de 1750 (“Mas. Mas” Anônimo 1750: f.311). A outra conjunção, “senão” [3], não foi encontrada nos dicionários setecentistas de língua geral. *Male agentis* é latim. *Ararangaba* (‘imagem do tempo’) é neologismo na língua para designar o relógio.

**[4] Nitiu oçou Lecogio pupè imuetà puri, mas Lotesca pupé: [5] çaganbraçui goara oçaçau bagar robakè rupi amó coicé.**

[4] Não foram ao Colégio, para junto de seus companheiros, [5] mas para o Castelo; os de Bragança passaram por perto de Braga anteontem.

[4] Nitiu o-çou[o-çó] Lecogio pupè i-mu-etá puri, mas Lotesca pupé: [5] çaganbra çui goara o-çaçáu bagar r.obaké rupi amó coicé

[4] não 3-ir Lecogio ([Ling. cifr.= Colégio]) em 3rel-parente-plural junto, mas [port.] Lotesca [Ling. cifr.= Castelo] em [5] Çaganbra [Ling. cifr.=Bragança] de os 3-passar Bagar [Ling. cifr.=Braga] diante por outro ontem.

**Nota:**

“amo coicé” [6] e “coicé” referem-se, respectivamente, a ‘anteontem’ e ‘ontem’. Tendo em vista que os jesuítas chegaram ao Porto no dia primeiro de Novembro (‘anteontem’) é possível datar a carta como sendo de 3 de novembro de 1759.

**[6] Tubaè goLei ikè goàra mbaecý retè oçou amó coicé pytuname Frale marco çapatùyma rócape apyaba jubà pupè.**

[6] Um velho leigo daqui muito doente foi anteontem de noite à casa dos carmelitas descalços com o homem loiro.

[6] Tubaé [tuibaé]golei iké goára mbaeacy reté o-çó amó coicé pytúna-me Frale marco çapatú-eýma r-óca-pe apyába júba pupé.

[6] velho goLei [Ling. cifr.=leigo] aqui morador doente muito 3-ir outro ontem noite-loc frei marco sapato-sem [Ling. cifr. = carmelitas descalços] rel-casa-loc. homem amarelo com

**Nota:**

Este trecho relata a saída do colégio de Braga do irmão Manuel Monteiro (Maurício 1973:85), que fora enviado para o convento dos carmelitas descalços de Santa Teresa. O dêitico *iké* ‘aqui’ [6] indica que o autor estava no mesmo lugar que o irmão Monteiro, e portanto ambos estavam no colégio de Braga.

No jogo de linguagem cifrada, “frei Marco sem sapato” corresponderia aos carmelitas descalços, mencionados na *Memoria* de Eckart (1987). *GoLei* é linguagem cifrada para leigo (referência ao irmão coadjutor); A grafia da letra ‘l’ com maiúscula talvez servisse para indicar onde começava a palavra.

**[7] Nitiu ranhe ocyc soraretà cabarùpóra oçóbäè iande mû irumo: [8] mas ocyc uan taby età ae ogueraçóbäé.**

[7] Ainda não chegaram os soldados da cavalaria que foram com os nossos companheiros [8] mas já chegaram às cidades os que eles levaram.

[7] Nitíu ranhé o-cýc sorár-etá cabarú-póra o-çó-baé iandé mú irúmo: [8] mas o-cýc uán táby etá ae ogueraçó-baé.

[7] não ainda 3-chegar soldado-plural cavalo-com 3-ir-que nós parente com [8] mas[port.] 3-chegar já aldeia plural os 3-levar-que

**Nota:**

Os trechos [7] e [8] continuam relatando a retirada dos jesuítas dos Colégios, levados pelos soldados. *sorára* é empréstimo do português para soldado, frequente nos dicionários setecentistas da língua geral. *soraretá cabarúpóra* foi interpretado e traduzido como soldados da cavalaria, pela menção de Eckart de que esse grupo militar o tinha levado de Sanfins para Braga em 1º de março de 1759 (Eckart 1987:71).

**[9] Iudico iande iaçóné çapuà ikeçui, umáme keti, naicoabi. [10] Ipó amò mondepe puxi purú, [11] coipó Marco çapatúyma roca età rupi, [12] Coipó Cosnimodi roca età pyri.**

[9] Julgo que nós iremos logo daqui, para onde, não sei. [10] Talvez para alguma infecta prisão emprestada, [11] talvez pelas casas dos carmelitas descalços, [12] talvez junto às casas dos Dominicanos.

*[9] Iudico iande iaçó-né çapuà ike-çui, umáme kėti, n-ai-coab-i. [10] Ipó amo mondé-pe puxi purú, [11] coipó marco çapatú-yma r-oca-etá rupi, [12] Coipó Cosnimodi r-oca etá pyri.*

[9] Julgo[latim] nós 1pl-ir-futuro depressa aqui-de, onde para, neg-1-saber-neg [10] talvez uma prisão-loc. ruim usada [=emprestada] [11] ou marco sapato-sem [Ling. cifr. = carmelitas descalços] rel-casa-plural por [12] ou cosnimodi [Ling. cifr.=Dominicanos] rel-casa- plural junto

**Nota:**

O autor especula sobre o possível destino dos jesuítas que ainda estavam em Braga. Acreditava que ficariam todos juntos em algum convento (carmelitas descalços ou dominicanos), ainda que presos. No post-scriptum [26] escrito mais tarde, à noite, o autor se expressa em tom mais pessimista que na primeira parte da carta, ao mencionar que iriam para a prisão. A referência a ‘nós’ e a ‘aqui’ [9] indica que remetente e destinatário estavam no mesmo lugar (o Colégio de Braga).

*Iudico* é latim. Os nomes dos conventos estão mencionados em linguagem cifrada: frei Marco sem sapato = carmelitas descalços, Cosnimodi = Dominicanos.

**[13] Tonhemonhang Tupana remimotara [14] Ixè arotib aècò opabinhe Tupana remonhagaba irumo, [15] iabé jebyr paigoaçú, Mandu abé.**

[13] Seja feita a vontade de Deus [14] Eu recolhi todos os objetos religiosos] [15], para a volta do Arcebispo e de Manuel.

*[13] T-o-nhe-monháng Tupana r-emi.motára, [14] Ixé a-rotib aecó opabinhé Tupana r-emi.monhangába irumo, [15] iabé jebýr pai-goaçú, Mandú abé.*

[13] exort-3-refl-fazer Deus rel-vontade [14] eu 1-juntar esse tudo Deus rel-obra junto [15] assim voltar bispo, mandu [Manuel] também

**Nota:**

O termo *paigoaçú* no contexto da carta se referiria ao Arcebispo de Braga, que

havia chegado alguns dias antes para tomar posse do cargo. Há outras referências ao *paigoaçû* no documento como pessoa que não era favorável aos jesuítas [28,32]. Não foi possível identificar o referente do termo *Mandu*, designação indígena do nome Manuel (Wolff 1750). Havia dois jesuítas Manuel no grupo de missionários vindos da Amazônia presos no colégio de Braga (Manuel Afonso e Manuel Santos).

**[16] *Ocyc xe pyri nde pp<sup>a</sup>. Santos coromim pô rupi* [17] *cabecatú cecè ndebo:* [18] *erotib nde carimbaba irumo: ixé arecó amò cabarû cotycaba:* [19] *Tenhe ereicó apyaiba breviarío cayxa recé raē amó mbäe có ara çui goara recé.***

[16] Veio a mim teu principal Jerónimo de Campo, que cuida dos meninos [17] com isto bolorento (= sem sentido) para ti: [18] reúne teus valentes, tenho um cavalo de confiança. [19] Assim, não te preocupes com a caixa do breviário, [20] uma coisa moderna.

[16] *O-cyc xe pyri nde principal Santos coromim pó rupi* [17] *cabecatu[çabecatú] c-ecé ndé-bo:* [18] *e-rotib nde carimbába irumo: ixé a-recó amó cabarú cotycaba [cotiçaba]:* [19] *Tenhe ere-icó apyaiba breviário cayxa recé raē* [20] *amó mbäe có ara çui goara recé.*

[16] 3-chegar eu para tu principal Santos (=Jerónimo de Campo) menino mão em [17] bolorento tu-para [18] 2-juntar tu valente com: eu 1-ter um cavalo amigo [19] não 2-estar preocupado breviário caixa por assim [20] uma coisa este dia de[= de hoje, moderna] com

#### Nota:

O trecho faz referência a um Santos. Havia um padre em Braga vindo da Amazônia com esse sobrenome (Manuel Santos), mas como todas as referências a locais ou pessoas foram dados por meio de linguagem cifrada, ele foi interpretado [16] como sendo referência ao irmão Jerónimo Campos, responsável pelas crianças na carta em latim. A abreviatura *pp<sup>a</sup>* foi entendida como ‘principal’ pela referência a um “mestre de crianças”, embora ela não conste no levantamento de Flexor (1979).

Nessa passagem, há várias referências à primeira e segunda pessoa singular. Há ambiguidade em [18] quanto ao referente de *e-* segunda pessoa imperativa em discurso citado direto - o autor da carta ou o destinatário -; por outro lado, *nde* em [19] só pode se referir ao destinatário, pois este era quem detinha o breviário, como consta na carta anterior, em latim.

**[21] *Etupan monghetà xè recé, emoturuçû, emomorybábe nde pyà:* [22] *maiabe xè monhang Tupana graça irumo:* [23] *augebete anhemimotar reté ocem' coae jurupari pó çui.***

[21] Reza a Deus por mim, eleva e apazigua teu coração [22] como eu faço, pela graça de Deus. [23] Ainda que eu deseje muito me libertar das mãos desse diabo.

[21] *E-tupan monghetá xe recé, e-mo.turuçú, e-momoryb-abe nde pyá: [22] maiabe xé [a]monháng Tupana graça irumo: [23] augébeta a-nhe.mi.motar reté océm[a-cém] coaé jurupari pó çuí.*

[21] 2-Deus conversar eu por, 2-engrandecer, 2-consentir.com-e tu coração [22] como eu 1-fazer Deus graça com [23] ainda que 1-refl-desejar.muito 3-sair este diabo mão de

**Nota:**

Pela disposição gráfica e tamanho das letras, o desabafo presente no trecho [23] teria sido inserido depois de já concluída a despedida. O uso de “coaé” (este) com jurupari mostra o uso figurado do termo demônio para uma pessoa específica e não para o ‘diabo’ cristão. Há outra referência a *jurupari* (diabo) em [29], aí especificado com o nome *eucliaō*(?), que não pôde ser identificado.

**[ 24] Nde remiaucuba rete X**

[24] Teu mui servo X

[24] *Nde r-emiaucuba [r-emiauçúba] reté X*

[24] tu rel-escravo muito X

**Nota:**

Despedida epistolar na postura de humildade do remetente em relação ao destinatário anônimo.

**[25] 3. Pytuname.**

[25] [Dia] 03 de noite

[25] 3 *pytuna-me*

[25] 3 noite-loc

**Nota:**

Início do post-scriptum, redigido na noite de 3 de Novembro de 1759.

**[26] Coicé oçó Vti Ketý mar.andyba pabé, [27] iande potá mondepe recé, [28] anheeng Sagrau recobiara çupé tomondo mora ketý.**

[26] Ontem todas as notícias foram para Vti [?], [27] nos querem na prisão [28] falei ao responsável de Sagrau (?) que mande para Roma.

[26] *Coicé o-çó Vti ketý mar.andyba [marandyba] pabé, [27] iande potá mondé-pa recé, [28] a-nheeng Sagrau recobiára çupé t-o-mondó mora ketý.*

[26] ontem 3-ir Vti [ling. cifr. ou abreviatura não identificada referente a um local] para notícias todos [27] nos desejam prisão-loc por [28] 1 sing-falar Sagrau [Ling. cifr. ou abreviatura não identificada] responsável ao exort-3-mandar mora[Ling. cifr.=Roma] para

**Nota:**

Não foi identificado o referente nem de “Vti” [26] nem de “Sagrau” [28]. Este último poderia talvez ser a mesma pessoa referida como “senator” na carta em latim, funcionário português com quem o remetente mantém comunicação: “Falou-me o Senador que tinha vindo antes uma ordem pela qual todos iriam embora, mas de repente, já de noite, quando estávamos para sair, chegou um correio com uma nova deliberação”.

*Coicé* ‘ontem’ se refere ao dia 02 de novembro de 1759. Em [26], o que teria ido para “Vti” seriam todas as notícias. Já em [28], há ambiguidade: o remetente diz ao responsável de *Sagrau* que mande para Roma, mas não se sabe se ele está falando dos jesuítas que ainda estavam em Braga ou das notícias, embora, pelo contexto, pareça mais razoável pensar que ele estaria falando do desejo dos jesuítas presos de serem mandados para Roma.

*[29] Paigoaçû nitibi opotá iandé recè, mas oicó recagoera mora pupé, [30] e jurupari eucliãõ [?] ocekyje ixui aepe, [31] iande nha ram ma goara çuï, [32] nitíu iamocameeng rama mira etá pabeçupè, [33] imû recó puxi reté umamé çuí oguerecó ipû opabinhe jereraguaya ipupé defund[t] opacatû amó etá jereraguaya. [34] Paigoaçû oguerecó morapupé cetâ çauçupára Laedcra cecé ocekiye ixui.*

[29] O Arcebispo não gosta de nós, mas esteve sondando em Roma [30] - e o diabo euclião tem medo dele lá - [31] para nos correr dos daqui, [32] para não guiarmos as gentes, [33] companheiro(s) de muito maus costumes de lá tem todos os sons da mentira, e com isso derrama(m) [= difunde(m)] todas essas mentiras. [34] o Arcebispo tem em Roma muitos amigos [.] O Cardeal por isso tem medo dele.

*[29] Pay-goaçu nitibi o-potá iandé recé mas o-icó recá-goera mora pupé, [30] e jurupari eucliãõ o-cekyjé ixui aépe, [31] iande nhã rama mã goára çuí, [32] nitíu ia-mocameeng rama mira etá pabé çupé, [33] i-mú recó puxi reté umáme çuí ogue-recó ipû opabinhé jereraguáya, ipupé defund[t] opacatû amó etá jereraguáya. [34] Pai-goaçú ogue-recó mora pupé cetâ çauçupára [.] Laedcra cecé o-cekiyé i-xuí*

[29] padre-grande [= o arcebispo] neg 3-querer nós de, mas[português] 3-procurar-passado mora [Ling.cifr.= Roma] com [30], e diabo eucliãõ [Ling. cifr. não identificada] 3- medo dele lá [31] nós correr para aqui dos de [32] não refl-mostrar para gente plural todos a [33] 3-parente costumes ruins muito onde de 3-ter instrumento todos mentira, com isso derrama(m) [latim] todos algum plural mentira [34] padre-grande [= Arcebispo] 3-ter Roma em muitos amigos. *Laedcra* [Ling. cifr. = Cardeal] por isso 3-ter.medo 3-de

**Nota:**

O trecho faz menção a certo estranhamento político entre o Arcebispo de Braga Gaspar de Bragança e duas outras figuras, “*Jurupari eucliaõ*” [30] e “*Laedera*” (Cardeal Saldanha) [34]; ambos tinham medo do Arcebispo, por suas alianças em Roma. Uma interpretação possível desses personagens é que *Laedera* [Cardeal Patriarca] [34] e *Jurupari eucliaõ* [30] fossem a mesma pessoa. Ambos são apresentados como temerosos das alianças (çauçupára ‘amigos’) [34] que Paigoaçu (Arcebispo de Braga) possuía em Roma [29].

Há outra referência a *jurupari* ‘diabo’ na despedida da carta [23]. Ele poderia ser o mesmo Cardeal, que naquele momento dirigia oficialmente a Companhia de Jesus em Portugal.

Outro tema nessa passagem é sobre mentiras ou calúnias que “parente(s) de maus costumes” teria(m) feito circular [33]. Duas hipóteses sobre sua identidade [33]:

- i) os três jesuítas mencionados na carta em latim que pediram demissão da Companhia de Jesus (Jerônimo de Campo, Francisco de Almeida e Pedro da Silva). Anteriormente, “*mu*” foi usado para se referir a outros colegas da Ordem.
- ii) o frei Martins de Santo Antônio, do Maranhão, que o jesuíta Antônio Moreira, em carta ao Cardeal Saldanha do dia 4 de novembro de 1759, diz ter feito delações sobre ele, Moreira. Este diz nessa carta: “foi por hum crime falso, e supposto, que aleivosamente me arguio hum frade capucho chamado Fr. Martins de S. Antonio [...] que nada obrei nessa materia, nem mas que mentirosamente me arguio”( Moreira 1759: fl. 2)

Na palavra inserida em latim a consoante final está rasurada, podendo ser “defundit” ou “defunt” em [33]. Segundo Karl Arenz, a quem agradecemos pela informação, esta forma parece ser abreviatura de “defundit” ou “defundunt” (infinitivo: defundere) que significa respectivamente ‘ele derrama’ ou ‘eles derramam’. Ambas as alternativas seriam compatíveis com o objeto do verbo - as mentiras (*jereraguaya*). No Vocabulário na Lingua Brasilica, de 1622, “pû” é “*sõ como do q. se tange*”; assim, ipu [i-pu] é ‘som de algo’ (Ayrosa 1938:395).

**Tradução**

[1] Nosso prezadíssimo X

[2] Nossos companheiros já tinham chegado ao cais [da cidade] do Porto no dia de Todos os Santos: [3] mas não ficaram senão por duas horas, de noite, com gente de maus costumes. [4] Não foram ao Colégio, para junto de seus companheiros, [5] mas para o Castelo; os de Bragança passaram por perto de Braga anteontem.

[6] Um velho leigo daqui muito doente foi anteontem de noite à casa dos carmelitas descalços com o homem loiro. [7] Ainda nao chegaram os soldados da cavalaria que foram com os nossos companheiros, [8] mas já chegaram às cidades os que eles levaram. [9] Julgo que nós iremos logo daqui, para onde, não sei.

[10] Talvez para alguma infecta prisão emprestada, [11] talvez pelas casas dos carmelitas descalços, [12] talvez junto às casas dos Dominicanos. [13] Seja feita a vontade de Deus. [14] Eu recolhi todos os objetos religiosos [15], para a volta do Arcebispo e de Manuel. [16] Veio a mim teu principal Jerónimo de Campos, que cuida dos meninos [17] com isto bolorento (= sem sentido) para ti: [18] reúne teus valentes, tenho um cavalo de confiança. [19] Assim, não te preocupes com a caixa do breviário, [20] uma coisa moderna. [21] Reza a Deus por mim, eleva e apazigua teu coração [22] como eu faço, pela graça de Deus. [23] Ainda que eu deseje muito me libertar das mãos desse diabo.

[24] Teu mui servo X

[25] [Dia] 03 de noite. [26] Ontem todas as notícias foram para Vti [?], [27] nos querem na prisão [28] falei ao responsável de Sagrau (?) que mande para Roma. [29] O Arcebispo não gosta de nós, mas esteve sondando em Roma [30] e o diabo euclião tem medo dele lá, [31] para nos correr dos daqui, [32] para não guiarmos as gentes; [33] companheiro(s) de muito maus costumes de lá têm todos os sons da mentira, e com isso derrama(m) [= difunde(m)] todas essas mentiras. [34] O Arcebispo tem em Roma muitos amigos [.]. O Cardeal por isso tem medo dele.

#### Abreviaturas:

**1** Primeira pessoa singular; **2** Segunda pessoa singular; **3** Terceira pessoa singular;

**1pl** Primeira pessoa plural;

**Exort.** Exortativo; **Freq.** frequentativo; **Ling. cifr.** Linguagem cifrada; **Refl.**

Reflexivo; **Rel.** Relativo de contiguidade; **3rel.** Relativo de não contiguidade.

O hífen [- ] marca a separação entre os elementos morfológicos cujos significados foram especificados na interlinearização. O ponto [ . ] indica fronteiras morfológicas com significado opaco, portanto não especificado na interlinearização.